

**Gonçalo M. Tavares e a cena de leitura: reescrever como *gesto***Júlia Vasconcelos Studart<sup>1</sup>

RESUMO: Este texto parte de um projeto do escritor português Gonçalo M. Tavares (Luanda, Angola, 1970) denominado *O Bairro* como cena de leitura ancestral e como felicidade, numa sugestão de Borges. O projeto (e o livro) como extensão da memória e da imaginação para montar uma comunidade possível.

ABSTRACT: This text is based on a project of the Portuguese writer Gonçalo M. Tavares (Luanda, Angola, 1970) entitled *The Neighborhood*, conveyed as an ancestral scene of reading and as a project of happiness, as suggested by Borges. The project (and the book) as an extension of memory and imagination to build a possible community.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; Cena de leitura; Imaginação

KEYWORDS: Book; Scene of reading; Imagination

**1.**

Há um texto de Borges intitulado “O Livro”, que consta de uma publicação chamada *Jorge Luis Borges: Cinco Visões Pessoais*, em que ele monta uma cena de leitura como forma de felicidade e em que considera, principalmente, seguindo Montaigne, que se um livro é uma forma de felicidade não deveria exigir esforço (1987, p. 9-10); mais adiante Borges diz ainda que uma outra forma menor de felicidade é a criação, a criação poética, que seria “uma mistura de esquecimento e lembrança do que lemos” (1987, p.10). Também quando os leitores enriquecem o livro, como se os reescrevessem ao ler, ao reler, ao mover as mãos pelos volumes numa biblioteca que também se move. Numa passagem encantadora do texto, aponta:

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, Textualidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista do CNPq.

Continuo imaginando não ser cego; continuo comprando livros; continuo enchendo a minha casa de livros. Há poucos dias fui presenteado com uma edição de 1966 da *Enciclopedia Brokhaus*. Senti sua presença em minha casa – eu a senti como uma espécie de felicidade. Ali estavam os vinte e tantos volumes com uma letra gótica que não posso ler, com mapas e gravuras que não posso ver. E, no entanto, o livro estava ali. Eu sentia como que uma gravitação amistosa partindo do livro. Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade que dispomos, nós, os homens. (...) O livro é lido para eternizar a memória. (BORGES, 1987, p.10-11)

Se o livro é uma extensão da memória e da imaginação, como nos diz Borges, é possível imaginar que uma cena de leitura possa se remontar, como tal, numa re-escritura do livro, numa re-escritura de uma assinatura, de um nome, a partir também de um apagamento do nome ao tomá-lo como partida, como começo, como um começar e, radicalmente, como uma forma de felicidade para a construção de uma outra cena de leitura que se avizinha, que se acolhe, numa cena anterior. Um projeto de Gonçalo M. Tavares, escritor português, nascido em Luanda, em 1970, que tomo como objeto aqui, e que ele chama de *O Bairro* parte, de alguma forma, deste lugar incerto que procura remontar uma cena de leitura, ou várias cenas de leitura ao mesmo tempo numa vizinhança que se *des*-avizinha, uma circunferência interrompida. Ora, se tomarmos um movimento ao conceito da série de Gonçalo no seu *O Bairro* não apenas como um princípio da vizinhança no seu desenho mais simples, o de uma cartografia urbana, mas também como uma construção da comunidade perdida – da comunidade dos sem comunidade, do mito interrompido, como propõe Jean-Luc Nancy, por exemplo –, poderia já, de antemão, me reportar ao que disse Will Eisner no prefácio para uma de suas novelas gráficas sempre cercadas de cidades e seus enlaces de bairros e vizinhanças comuns, e *em comum: A Vizinhança - Avenida Dropsie*. Diz ele em um trecho do prefácio:

Se você vem de uma cidade grande, a rua na qual você nasceu, cresceu e amadureceu foi sua “terra natal”, e ela sempre foi conhecida como “vizinhança”. A residência definiu você tão certo

quanto sua origem nacional e lhe deu uma afiliação vitalícia numa fraternidade que se manteve unida pelas memórias. // Vizinhança tem períodos de vida. Elas nascem, evoluem, amadurecem e morrem. Mas enquanto essa evolução é mostrada pelo declínio de seus prédios, me parece que as vidas dos habitantes são a força interna que gera a decadência. As pessoas, não os prédios, são o coração da matéria. (EISNER, 2004, p. 1)

É esta condição suplementar do bairro como uma memória de uma vizinhança que está para além de uma paisagem urbana, o bairro como períodos de vida, como um desejo de morte, como um coração que pode morrer, que desloca para o projeto d'O *Bairro* de Gonçalo M. Tavares, que é por sua vez um além ao sentido da casa, da nacionalidade, da fraternidade, e se impõe como uma cena de leitura que é contrária à noção do monumento do bairro como arquitetura, mas talvez uma abertura de via para um projeto que é o da “monstruosidade bestial” (1994, p. 91), como diz Bataille, para fugir “a uma ralé arquitetônica” (BATAILLE, 1994, p.91). O *Bairro* de Gonçalo é composto de senhores, e todo o seu bairro, como projeto para uma cena de leitura, é uma circunferência elíptica ficcional da cena de leitura que toma posse de cada um dos senhores que assume como título, como norte, como apagamento do nome, mas ao mesmo tempo como assinatura – a assinatura do próprio Gonçalo. São quarenta senhores previstos para todo o projeto. E oito deles já foram publicados em Portugal. No Brasil, até agora, apenas seis: *O senhor Brecht*, *O senhor Juarroz*, *O senhor Calvino*, *O senhor Kraus*, *O senhor Henri* e *O senhor Walser*. O *Bairro* é um projeto que toma posse de alguma *maneira* ou de variação de *maneiras* de escritura de cada um dos senhores que dão nome aos livros, como singularidades, mas não a posse de *métodos* (e isto é importante, *maneiras* mas não *métodos*), nem a palavra “senhor”, me parece, está se impondo como um contrário ao que é servil, àquele que serve, que é ou seria servo a um senhor que, por dar nome e título e maneira, coordenaria as ações e os gestos das outras maneiras de escritura, desta vez de Gonçalo M. Tavares, ao propor um livro aberto, movente e delicado a partir de senhores, escritores outros, de sua

predileção, ou não, para montar uma história particular, e íntima, da cena de leitura como uma cena infinita, a cena infinita do livro impossível, o *livro de areia* de Borges: “Disse que seu livro se chamava o *Livro de Areia*, porque nem o livro nem a areia tem princípio ou fim.” (1995, p.125); depois, ao dizer do livro de areia como um espaço-tempo que se alarga ao infinito (uma cosmogonia): “Se o espaço é infinito, estamos em qualquer ponto do espaço. Se o tempo é infinito, estamos em qualquer ponto do tempo.” (1995, p.125); e ainda, por fim, que “o livro era monstruoso” (1995, p.127).

Escolhi dois livros de Gonçalo M. Tavares para trabalhar aqui, rapidamente, numa esfera móvel ficcional que se organiza nesta suposta cena de leitura infinita de sua escritura, como comunidade e como uma espécie de montagem de livros de areia, ou de um grande e desfeito livro de areia, *O senhor Calvino* e *O senhor Brecht*. Imagino também que esta circunferência elíptica ficcional neste projeto de Gonçalo M. Tavares possa comparecer na figuração do círculo que faz padre Antonio Vieira no seu *Sermão de Nossa Senhora do Ó* (1640), ao dizer que

A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza e conhece a geometria é o círculo. Circular é o globo da terra, circulares as esferas celestes, circular toda esta máquina do universo, que por isso se chama *orbe*, e até o mesmo Deus, se sendo espírito pudera ter figura, não havia de ter outra, senão a circular.

E ainda ao dizer que nesta figuração do círculo, como numa elipse, “O certo é que as obras sempre se parecem com seu autor; e fechando Deus todas as suas dentro em um círculo, não seria esta idéia natural, se não fora parecida à sua natureza.”, para a partir daqui sugerir um novo círculo, o do desejo.

Ou seja, se o desejo de uma circunferência interrompida, como uma elipse, enviesa a cena de leitura como trajetória ficcional àquele que a reescreve como ato, como gesto, como escritura e, principalmente, como aquele que se avizinha das cenas anteriores para refazê-las (ou

desfazê-las), é este desejo que vai tomar a escritura como um “poder de ficção” e tomar a “ficção como uma teoria da leitura”, e aí estamos de novo muito perto e inseridos no *livro de areia* de Borges na leitura sugerida por Ricardo Piglia quando tenta compreender e tomar a verdade de algumas das lições de Borges; diz ele:

Talvez o maior ensinamento de Borges seja a certeza de que a ficção não depende apenas de quem a constrói, mas também de quem a lê. A ficção também é uma posição do intérprete. Nem tudo é ficção (Borges não é Derrida, não é Paul de Man), mas tudo pode ser lido como ficção. Ser borgeano (se é que isso existe) é ter a capacidade de ler tudo como ficção e de acreditar no poder da ficção. A ficção como uma teoria da leitura. (PIGLIA, 2006, p.28)

## 2.

O que então pode ser pensado como *começo*, como aquilo que *com-parece* num *começar* a este *O Bairro*? Poderia ser uma névoa de apagamentos de pistas e vestígios de uma escritura da origem, anterior, que estaria supostamente em cada um dos nomes de escritores escolhidos por Gonçalo M. Tavares, e seria também o que aparece como uma “capacidade de ler tudo como ficção” e de “acreditar no poder da ficção”, uma teoria ficcional da leitura e “a ficção como uma posição do intérprete”. É esta crença no poder da ficção que se amplia no gesto da escritura quando o próprio Gonçalo diz em entrevista recente que “Cada linha que *escreve (grifo meu)* faz parte de uma biblioteca”; e mais ainda ao sugerir que ao escrever vai tocando e forçando a ficção no próprio ato de escrever quando afirma categórico que ao escrever uma frase nunca sabe qual é a frase seguinte, que nunca sabe o que vem pela frente, como se escrevesse tocado por uma cena de leitura ancestral, mas que ao mesmo tempo é sua condição incorporada ao livro. Isto está sugerido também por Blanchot, ao apontar que

O escritor escreve um livro mas o livro ainda não é a obra, a obra só é obra quando através dela se pronuncia, na violência de um começo que lhe é próprio, a palavra ser, evento que se concretiza, quando a obra é a intimidade de alguém que a escreve e de alguém que a lê. (BLANCHOT, 1987, p.13)

Assim, Gonçalo M. Tavares parece escrever como nos aponta Barthes em sua mais que bonita imagem de uma cena de leitura, ao nos perguntar se nunca nos aconteceu ao ler um livro interromper o tempo inteiro a leitura, por causa de um desvario ininterrupto, um corrente afluxo de idéias, de excitações, de associações, e enfim, se nunca nos aconteceu ler levantando freqüentemente a cabeça. (2004, p.26) Ou seja, uma sugestão é a de que Gonçalo M. Tavares parece *escrever* levantando a cabeça, recompondo toda uma cena de leitura em sua escritura deliberada, num anacronismo deliberado. Por isso, penso também em *Pierre Menard, autor do Quixote*, conto de Borges de seu livro *Ficções*, em que a questão de Menard não é escrever um outro Quixote, ou reescrever o Quixote, quiçá escrever a reescritura de um outro Quixote, mas sim, e bem mais simples, escrever O Quixote, aquele mesmo ali, tão e tanto tal e qual, mas que é outro, sempre outro, num sem fim de outridades do livro de Cervantes: “Sua admirável ambição era produzir páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – como as de Miguel de Cervantes” (1989, p.33). Menard é, na verdade, leitor do Quixote. É talvez então, tomando a posse desta imagem de Barthes, às avessas agora, no gesto de *escrever* levantando a cabeça para recompor a cena de leitura daquilo que se lê, que Gonçalo consiga talvez tomar a posse dos gestos de Menard: o da técnica do anacronismo deliberado e o das atribuições errôneas. Diz o conto de Borges:

Menard (talvez sem querê-lo) enriqueceu, mediante uma técnica nova, a arte retardada e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas. Essa técnica de aplicação infinita não leva a percorrer a *Odisséia* como se fora posterior à *Eneida* e o livro *Le Jardin du Centaure* de Mme. Henri Bauchelier como se fora de Mme. Henri Bauchelier. Essa técnica povoa de aventura os mais plácidos livros. Atribuir a Louis Ferdinand Céline ou a James Joyce a *Imitação de Cristo* não é suficiente renovação dessas tênues advertências espirituais? (BORGES, 1989, p.38)

### 3.

Duas imagens retiradas dos textos de Gonçalo M. Tavares para compor estas cenas de leitura-escritura podem apresentar uma atmosfera de acolhimento para estas circunferências elípticas do desejo ao livro impossível, ao livro de areia; o leitor radical da memória ininterrupta. A primeira imagem, retirada do livro *O Senhor Calvino*, está no trecho intitulado *Uma manhã* (estes trechos estão no livro como se fossem pequenos contos, pequenas narrativas independentes), quando o narrador toma notas de uma espécie de obsessão de Calvino por métodos, como mesmo diz, “Por vezes, Calvino obcecado pelos métodos:” (TAVARES, 2007, p.37); acredito que estas anotações empurram muito mais para aquilo que desfaz o princípio do método e também para articular algumas maneiras ou procedimentos para o livro impossível, o *livro de areia*, retirado da capacidade de fabulação de Calvino que, por sua vez, é retirada – entre outros lugares e acessos – também da fábula italiana para uma *re-escritura* da leitura de Gonçalo no seu movimento de incorporação do gesto de Calvino. Diz Gonçalo neste trecho de onde recorto a imagem:

Por vezes, Calvino obcecado pelos métodos:

-- Interesse-me de muitas maneiras pela mesma coisa.

Outras vezes, obcecado pelas coisas:

-- Interesse-me da mesma maneira por muitas coisas.

Algumas vezes, baralhado:

-- Interesse-me ao mesmo tempo de muitas maneiras por muitas coisas.

Hoje, ao acordar, preguiçoso:

-- Não me interesso por nada, porém faço tal coisa de muitas maneiras diferentes. (TAVARES, 2007, p.37)

A segunda imagem, retirada agora do livro *O Senhor Brecht*, move-se antes numa espécie de advertência ao livro, que abre todas as passagens com títulos, na mesma estrutura de *O Senhor Calvino*, como se composto de pequenos contos e narrativas; diz a advertência:

“Apesar de a sala estar completamente vazia o senhor Brecht começou a contar as suas histórias” (TAVARES, 2005, p.13). É este falar para o vazio, este contar para ninguém, numa suspeita que agora se conta para o desvão da história, que temos uma armadilha da intimidade com as cenas de leitura propostas por Gonçalo a partir de Brecht e sua radicalidade política e ética de escritura e de pensamento: a do refazer a história a um amanhã, de compor um devir outro ao homem e à história. No trecho intitulado *Um homem*, por exemplo, o narrador toma o sentido brechtiano dos homens com medo para cometer o vitupério bestial da impossibilidade das utopias: “Num certo país apareceu um homem com duas cabeças. Foi considerado um monstro, e não um homem. Noutro país apareceu um homem que estava sempre feliz. Foi considerado um monstro, e não um homem.” (TAVARES, 2005, p.65) Ao final do livro, numa outra advertência, o narrador diz: “Depois de contar a última história o senhor Brecht olhou em redor. A sala estava cheia. As pessoas eram tantas que tapavam a porta. Como poderia sair dali?” (TAVARES, 2005, p.69) Uma violência de incorporação que pode até não ser nada, mas como projeto para um livro é aquilo que volta a acreditar na cena de leitura e no poder da ficção, numa mistura de esquecimento e lembrança daquilo que lemos e no livro como uma extensão da memória e da imaginação, como bem disse Borges.

### **Referências Bibliográficas:**

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BATAILLE, Georges. *A mutilação sacrificial e a orelha de Van Gogh*. Trad. Carlos Valente. Lisboa: Hiena, 1994.
- BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.



BORGES, Jorge Luis. *Cinco visões pessoais*. Brasília: Editora da UNB, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Livro de Areia*. São Paulo: Globo, 1995.

\_\_\_\_\_. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1989.

EISNER, Will. *A Vizinhança - Avenida Dropsie*. Trad. Leandro Luigi del Manto. São Paulo: Devir, 2004.

NANCY, Jean-Luc. *La Comunidad Desobrada*. Madrid: Arena Libros, 2001.

PIGLIA, Ricardo. *O Último Leitor*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TAVARES, Gonçalo M. *O Senhor Brecht*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Senhor Calvino*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Organização Alcir Pécora. São Paulo: Editora Hedra, 2003.